

3ª PARTE

POESIA

MALA DE CÂNFORA

Beatriz Alcântara

Guardei, guardaste-me
linhos, rendas, bordados,
lençóis e toalhas,
camisolas de cetim,
naperons em crochê,
todos brancos,
enxoval de noiva,
para mim criança
sem sonhos românticos,
coroadas de jasmim
nem falsas fantasias.
Contudo, no teu ventre,
baú de madeira cânfora,
guardava eu, em silêncio,
a esperança vindoura
de formar lar de vida própria,
novo dia, a cada todo dia.

Atravessei mares,
pisei terra de areias escaldantes,
entendi a música aliciante, alta,
aprendi o imediato dos trópicos e,
abraçando a tão antiga esperança,
sonhos de amor construí.

Vesti-me virgem em seda,
envolta em camadas de véu e,
subindo os degraus para o altar,
talhei-me adulta, com um lar.
Gerei filhos, dois,
princesa e príncipe,
vida feliz entre tantos amores.
Voltei, vim buscar-te,
baú de cânfora, minha
anterior esperança perfumada,
querido e esmaecido traço de união.